

# ZICA

(Especial para o "Correio do Povo")

## GUSTAVO CORÇÃO

2. 2 / 80.

Ainda não consegui digerir o episódio. Por mais afeito que esteja ao clima em que vivemos, por mais frequentes que sejam os exemplos de desmoralização das elites dirigentes e por mais calejada que se tenha tornado a nossa sensibilidade ao escândalo, não consegui ainda engulir o caso do sr. Zica. Já ouvira vagamente diversas referências ao personagem que todos chamam Rei do Contrabando ou Rei da Praça Mauá, é que para os íntimos tem aquêle mimoso apelido. Já ouvira contar, também, que o homem é dadivoso e gosta de ajudar pobres e casas religiosas. Tinha até certa simpatia, e estava pronto a duvidar do fundamento das graves acusações que estão implicadas no seu título. Vai ver — pensava eu — que tudo isso são invenções dos invejosos, são calúnias dos prontos. Morou aqui perto de nós um senhor aposentado, rico, que escrevia quadrinhas sentimentais e que explicava todas as reivindicações sociais do mundo com esta fórmula que lhe dava enorme alegria: inveja dos prontos. Quem sabe se não se applicava ao honrado Zica a teoria de meu vizinho? E' claro que não me atreveria a declarar pelos jornais minha incondicional confiança no sr. Zica. Não. A meu ver, basta existir a notória desconfian-

ça para desaconselhar tal pronunciamento. Como homem experimentado, e sentindo o peso da responsabilidade de meu modesto officio de escritor, jamais declararia a um entrevistador que tinha confiança no sr. Zica. Também não diria que vi, que tive a evidência de suas contravenções e que, por conseguinte, o considero legítimo Rei do Contrabando.

Ora, o episódio da missa trouxe-me uma luz nova sobre a questão. Pondere bem o leitor: 1.º — Há um personagem muito rico chamado Rei do Contrabando; 2.º — Esse personagem, tendo mandado rezar uma missa em ação de graças por seu restabelecimento, é efusiva e publicamente abraçado por diversos personagens dos mais representativos do país; 3.º — Entre esses personagens representativos há uma estranha, uma curiosa, uma bizarra predominância dos homens públicos que recebem cargos e emolumentos justamente para perseguir os contrabandistas.

Efetivamente, entre os afetuosos amigos que correram a abraçar o chamado Rei do Contrabando, contavam-se dois ex-chefes de policia, um filho do atual chefe de policia, dois ou três delegados e um desembargador. Esses personagens fizeram fila para abraçar o herói do dia, e deixaram-se fotografar sem nenhum gesto de enfado. Tenho diante de mim diversos clichés, muito nítidos, muito bem apanhados, que mostram o abraço que uniu a Justiça ao Contrabando; e que, seja dito de passagem me leva a desconfiar fortemente de que não é injusta a fama do sr. Zica. A cerimonia prova ao mesmo tempo, duas coisas. Em primeiro lugar, prova que há uma íntima conexão entre o officio do sr. Zica e a Policia. Ora, que espécie de laço pode existir entre um pacífico barman e as dependências do Ministério da Justiça? E daí se deduz, sem necessidade de grande engenho, que aquêles personagens foram proclamar publicamente, ostensivamente, que o sr. Zica é efetivamente contrabandista. Em segundo lugar, a cerimonia prova que o Brasil está apresentando ao mundo as melhores credenciais para colaborar nos grandes problemas internacionais e para promover a Operação Pan-Americana. E quem não concordar com esse otimismo que se consuma de tristeza e de vergonha.